

PROJETO DE ENSINO E EXTENSÃO DE FILOSOFIA AFRICANA: ÌMÒ JÉ CONHECIMENTO DO SER AFRICANA PARA A DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO EPISTÊMICO

JULIANE SOARES¹; MIRIAM CRISTIANE ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – julianesoares.contato@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – oba.olorioba@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Criado em outubro de 2019 o projeto Ìmò Jé - Filosofia Africana de ensino e extensão apresenta caminhos para o disseminar não somente o conhecimento filosófico africano, mas também contribuir com propostas, materiais e conteúdos para currículos educacionais e operar no combate ao racismo e ao racismo religioso. O nome que dá título a esse projeto, Ìmò Jé, é formado a partir da junção das duas palavras yorubá: *Ìmò* = *saber, conhecimento* (BENISTE, 2011, p. 377), e *Jé* = *ser* (BENISTE, 2011, p. 426). Podemos dizer que Ìmò Jé (conhecimento do ser) é um conceito que dá origem aos estudos da "filosofia (sabedoria, conhecimento) do *Ser Africana*", da *Filosofia Africana*, da *pessoa africana*, das culturas africanas, das sabedorias do continente e da diáspora africana; possibilita a compreensão do modo de ser e estar no mundo africana.

Na sabedoria do *Ser Africana*, a palavra *Africana* no gênero gramatical feminino, é definida assim pelo contexto histórico de uma África que é berço e dá origem à humanidade, indicando seu lugar como uma terra matriz gestora. No entanto, o conhecimento do *Jé(Ser)*, está posto não somente como existir, mas também como "tudo que é". *Jé(Ser)* carrega todos os predicados possíveis permitindo que o exercício filosófico africano possa ser explorado, ou seja, o *Jé(Ser)* passa pela área da filosofia, metafísica geral, ontologia e suas especificações.

O *Ìmò Jé ser* nos convida a pensar questões como: De que parte do continente africano nos referimos? E, de que pessoa africana estamos falando? Do mesmo modo surge o porquê e a importância de estudarmos Filosofias Africanas e qual é a sua preocupação e objetividade? Por que ainda há uma grande força em verdades absolutas e a não legitimidade da Filosofia Africana?

A ação de ensino e extensão que este projeto promove também nos provoca a pensar se filosofia só se faz em gabinetes fechados. Em um mundo tão diverso, será possível que só exista uma filosofia ou podemos falar de filosofias? Podemos produzir filosofia entre quatro paredes e até mesmo em uma sala imensa com mentes pensando e produzindo conhecimento filosófico, ainda assim, será necessário ultrapassar, quebrar paredes e muros para que possamos compreender e fazer uma reflexão e produção filosófica mais responsável com seu tempo.

Será que se tornarmos a filosofia pluriversal, faríamos jus ao que ela realmente significa, isto é, amor ao conhecimento? Ao pensarmos filosoficamente a partir de saberes de outros povos e culturas, problemas como desigualdades sociais, violência, depressão poderiam ter um caminho diferente do que presenciamos contemporaneamente? A filosofia com o seu poder de reflexão cria não somente possibilidades de ver o mundo de diversas formas, ela também produz modos de viver este mundo de maneira que seja melhor para cada *Ser* que o habita.

2. METODOLOGIA

O projeto está organizado a partir de uma ação de extensão intitulada “Ìmò Jé” e uma ação de ensino intitulada “Grupo de estudos - Articulando ensino e extensão”. A operacionalização dessas ações se dá de forma interdisciplinar, colocando em diálogo a filosofia com a educação, a sociologia, a antropologia, a história, a psicologia, as artes, entre outras. A partir de uma *Afroperspectiva* título que faz referência aos eventos de extensão do projeto, inspirado no conceito de “*Afroperspectividade*” de (NOGUEIRA, 2014, p. 68), tem contribuído com o processo de conscientização e de agência de povos africanos em diáspora promovendo o combate ao racismo e denunciando também o racismo estrutural que a própria filosofia ocidental alimentou.

A realização de trabalhos de extensão para promover a troca de experiências entre os acadêmicos e a comunidade externa da UFPel proporciona uma melhor compreensão da realidade dos envolvidos.

O projeto tem realizado atividades presenciais e na on-line a partir da utilização de ferramentas digitais, como Google Meet e YouTube, promovendo discussão de temas filosóficos com perspectiva afrocentrada, realizada através de dialogias com grupo de estudos e também com a comunidade acadêmica e externa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto Ìmò Jé já realizou atividades, a saber: “Repensando projetos civilizatórios a partir da Filosofia Africana”, na mesa estavam a professora Dra. Miriam Alves e a filósofa professora Dra. katiuscia Ribeiro. Nesse encontro foram contabilizadas mais de quarenta pessoas entre docentes, discentes e comunidade em geral. Um encontro de grande notoriedade que salientou a importância do Ensino e Extensão. Em 2020, com a situação pandêmica além das reuniões de estudos, o grupo organizou vinte cestas básicas, após arrecadação de alimentos doados pela comunidade riograndina para famílias africanas de diferentes países que residem na cidade de Rio Grande, RS. Desde então, as atividades foram convertidas no formato on-line se estendendo até o momento com a mesma dinâmica.

Além dos encontros semanais para discussão de textos e livros, o grupo realizou extensões com eventos on-line, tais como: “O que a Filosofia Africana nos diz para uma pós-pandemia?”, com a presença do filósofo e teólogo Olorode Ògiyan kàlàfò Jayro Pereira, coordenador da Escola Vale do Akòko, BA, e o filósofo Dr. Luís Thiago Dantas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em parceria com o projeto de extensão Buteco da Filosofia realizamos um debate on-line em torno da situação pandêmica, intitulado “É possível pensar um Estado Afrofilosoficamente? O que a Filosofia Africana nos diz para uma pós-pandemia?”. Nesse encontro tivemos como debatedores o filósofo e teólogo Olorode Ògiyan kàlàfò Jayro Pereira e o professor Dr. Jean Bosco Kakozi da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Ainda em contexto da pandemia, realizamos o encontro “Diálogos sobre vivência, experiência pedagógica e a importância da Filosofia Africana na Educação”, com a professora Ms. Gabriele Costa, Universidade Federal do Rio Grande.

Nossa agenda de ações conta com a presença de pesquisadores e profissionais de diversas áreas que têm a Filosofia Africana como primordial no cerne de seus respectivos trabalhos. Como resultado, as atividades extensionistas que, além de compartilhar conhecimento filosófico africano, contribuem para a disseminação de materiais tanto para docentes de ensino básico e superior de redes públicas quanto para a formação de discentes e pesquisadores. O projeto se debruça a perguntar o que as instituições brasileiras de Filosofia têm feito para responder aos anseios e demandas de uma sociedade pluriversal e como os currículos de filosofia foram modificados para atender a necessidade de compreensão da filosofia indígena, africana e afrodiaspórica? O grupo Imô Jê se dedica a discutir uma ética, uma filosofia que possa ser capaz de atender questões urgentes como racismo, racismo epistêmico, racismo religioso, sexismo, classismo, entre outras opressões e violências.

No ensaio, “Sobre a legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana” RAMOSE nos faz a seguinte menção do filósofo OBENGA, nos diz que OBENGA (2006) a experiência humana é a base inescapável para um começo rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Ela seria onipresente e pluriversal, apresentando diferentes faces e fases decorrentes de experiências humanas particulares (OBENGA, 2006). Não teríamos que provar a existência da Filosofia Africana se a exclusão de autores, intelectuais, narrativas que produziram filosofias africanas não fossem apagadas da história da humanidade pelo racismo epistêmico, uma prática ainda comum nas instituições onde circula o conhecimento.

Segundo a filósofa CARNEIRO,

“[...] o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio” (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Essa invisibilidade dos estudos Africanos no currículo acadêmico direcionou estudantes do curso de Filosofia Licenciatura do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política - IFISP, para além das suas inquietações filosóficas, de modo que assumiram o debate da Filosofia Africana movendo suas atividades à implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (art. 26-A), que determina que em todo o currículo dos ensinos fundamental e médio brasileiros estejam presentes conteúdos de história e cultura africana e afro-brasileira, em todos os componentes curriculares incluindo a Filosofia (BRASIL, 2008). Desenvolver um grupo de estudo e pesquisa de Filosofia Africana é uma forma de executar o que está posto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, Art. 26-A (BRASIL, 2008).

4. CONCLUSÕES

Quando fazemos o movimento suleador do conhecimento percebemos um mundo rico de saberes que nos possibilita falar em Filosofias. Podemos dizer que a Filosofia Africana é uma dinâmica, um modo de ser e estar no mundo que rege um conjunto de significados e sentidos. Além do impacto para a comunidade e para a formação acadêmica, este projeto tem atuado no tensionamento da afirmação do compromisso da universidade pública com o enfrentamento ao racismo. A Filosofia Africana tem em seu caráter libertador, sem a pretensão de inventar um modo de habitar a vida, porque ela já é presente na sociedade e cultura brasileira. Os povos tradicionais de matriz africana, embora sem reconhecimento do estado por conta do racismo, é um exemplo, pois traduz em suas práticas conhecimento filosófico milenar, marcado pela vivência comunitária e forte relação com o meio ambiente, reverberando de forma natural sua cosmologia, alimentando-se desta e de outras formas de conhecimentos.

Compreendemos que, na medida em que a Filosofia Africana impõe sua presença, avançamos no debate sobre sua legitimidade, garantindo não somente que seja lida, mas, também, que a própria Filosofia (amor ao conhecimento) continue presente com sua capacidade analítica, responsabilidade intelectual e transformadora de vidas e mundos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENISTE, J. **Dicionário Yorubá-Português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília.

CARNEIRO, A.S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005

NOGUEIRA, R. **O ensino da filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

RAMOSE, M. B. Sobre a legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In: GARCIA, E.M. **Ensaios filosóficos**, Rio de Janeiro, ed. Revista de Filosofia, 2011.6.p.8.